

TODAS AS ARTES

.....
REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA
ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE



Vol. 8, N. 1, Jan.-Abr. 2025
ISSN 2184-38052

A TRANSFORMAÇÃO DO OLHAR: ESTÉTICA DECOLONIAL NA ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA E PORTUGUESA

THE TRANSFORMATION OF THE GAZE: DECOLONIAL AESTHETICS IN CONTEMPORARY BRAZILIAN AND PORTUGUESE ART

LA TRANSFORMATION DU REGARD: L'ESTHÉTIQUE DÉCOLONIALE DANS L'ART CONTEMPORAIN BRÉSILIEN ET PORTUGAIS

LA TRANSFORMACIÓN DE LA MIRADA: ESTÉTICA DECOLONIAL EN EL ARTE CONTEMPORÁNEO BRASILEÑO Y PORTUGUÉS

Victor Tuon Murari

Universidade de São Paulo, Brasil

RESUMO: O artigo investiga como a estética decolonial transforma o campo da arte contemporânea brasileira e portuguesa, propondo novas narrativas que desafiam a hegemonia eurocêntrica e promovem a valorização de práticas artísticas marginalizadas. Baseado em referenciais teóricos como Aníbal Quijano e Walter Dignolo, o estudo analisa a descolonização do olhar, enfatizando a importância de resgatar sensibilidades e saberes silenciados. No Brasil, a produção artística destaca questões ligadas à diáspora africana, culturas indígenas e memória da escravidão. Em Portugal, as obras refletem criticamente sobre o legado colonial e suas implicações atuais. O artigo conclui que a estética decolonial não apenas revisita a história da arte, mas a ressignifica, apontando para futuros mais inclusivos no âmbito da criação, circulação e recepção artística.

Palavras-chave: estética decolonial, colonialidade, arte contemporânea, Brasil, Portugal.

ABSTRACT: The article examines how decolonial aesthetics transforms the field of contemporary Brazilian and Portuguese art by proposing new narratives that challenge Eurocentric hegemony and promote the valorisation of marginalized artistic practices. Grounded in theoretical frameworks such as those of Aníbal Quijano and Walter Dignolo, the study analyses the decolonization of the gaze, emphasizing the importance of recovering silenced sensibilities and knowledge. In Brazil, artistic production highlights issues related to the African diaspora, Indigenous cultures, and the memory of slavery. In Portugal, artworks critically reflect on the colonial legacy and its contemporary implications. The article concludes that decolonial aesthetics not only revisits art history but redefines it, pointing toward more inclusive futures in the creation, circulation, and reception of art.

Keywords: decolonial aesthetics, coloniality, contemporary art, Brazil, Portugal.

RÉSUMÉ: L'article examine comment l'esthétique décoloniale transforme le domaine de l'art contemporain brésilien et portugais en proposant de nouvelles narrations qui remettent en question l'hégémonie eurocentrique et favorisent la valorisation des pratiques artistiques marginalisées. S'appuyant sur des cadres théoriques tels que ceux d'Aníbal Quijano et Walter Mignolo, l'étude analyse la décolonisation du regard, en soulignant l'importance de récupérer les sensibilités et connaissances silencieuses. Au Brésil, la production artistique met en avant des questions liées à la diaspora africaine, aux cultures indigènes et à la mémoire de l'esclavage. Au Portugal, les œuvres réfléchissent de manière critique sur l'héritage colonial et ses implications contemporaines. L'article conclut que l'esthétique décoloniale ne se contente pas de revisiter l'histoire de l'art, mais la redéfinit, ouvrant la voie à des futurs plus inclusifs dans la création, la circulation et la réception de l'art.

Mots-clés: esthétique décoloniale, colonialité, art contemporain, Brésil, Portugal.

RESUMEN: El artículo examina cómo la estética decolonial transforma el campo del arte contemporáneo brasileño y portugués al proponer nuevas narrativas que desafían la hegemonía eurocéntrica y promueven la valoración de las prácticas artísticas marginadas. Basado en marcos teóricos como los de Aníbal Quijano y Walter Mignolo, el estudio analiza la descolonización de la mirada, destacando la importancia de recuperar sensibilidades y saberes silenciados. En Brasil, la producción artística resalta cuestiones relacionadas con la diáspora africana, las culturas indígenas y la memoria de la esclavitud. En Portugal, las obras reflexionan críticamente sobre el legado colonial y sus implicaciones contemporáneas. El artículo concluye que la estética decolonial no solo revisita la historia del arte, sino que la redefine, señalando hacia futuros más inclusivos en la creación, circulación y recepción del arte.

Palabras-clave: estética decolonial, colonialidad, arte contemporáneo, Brasil, Portugal.

1. Introdução

Ao problematizar a construção histórica dos cânones artísticos e a imposição de uma visão eurocêntrica sobre o belo, a estética decolonial oferece uma nova perspectiva sobre práticas artísticas contemporâneas. Ao desvelar as raízes epistemológicas da colonialidade do poder, essa perspectiva teórica promove uma reflexão sobre os processos de produção e recepção da arte, bem como sobre os papéis sociais atribuídos aos artistas. Este artigo, ao analisar as práticas artísticas contemporâneas no Brasil e em Portugal, busca compreender como a estética decolonial contribui para a descolonização dos saberes artísticos e para a construção de novas narrativas sobre a história da arte. A relação histórica entre Brasil e Portugal, atravessada pelo colonialismo, configura-se como um terreno fértil para a análise das implicações da estética decolonial no campo das artes. Enquanto o Brasil carrega em sua produção artística contemporânea a presença marcante de questões ligadas à diáspora africana, aos povos originários e às memórias da escravidão, Portugal, por sua vez, depara-se com a necessidade de confrontar criticamente seu passado colonial e as assimetrias que ainda dele derivam. Ambos os contextos revelam, por meio da arte, as dinâmicas de poder e resistência que permeiam as estruturas sociais, políticas e culturais herdadas da colonialidade.

O presente artigo está estruturado em três eixos principais. Na primeira seção, aborda-se o conceito de estética decolonial, ancorado nos aportes teóricos de autores como Aníbal Quijano, Walter Mignolo e Adolfo Albán Achinte. A segunda parte dedica-se à análise de manifestações artísticas contemporâneas no Brasil e em Portugal, destacando como obras específicas tensionam narrativas coloniais e se apresentam como alternativas críticas e criativas. Por fim, a terceira seção reflete sobre as implicações mais amplas dessa

abordagem para o campo da arte contemporânea, discutindo os desafios e as possibilidades de reconfiguração dos circuitos de produção e recepção artística. Este artigo não pretende esgotar a complexidade que envolve o campo da estética decolonial nem realizar uma análise exaustiva de toda a produção artística brasileira e portuguesa inserida nesse contexto. Antes, busca oferecer uma contribuição teórica que situe a estética decolonial como uma ferramenta analítica potente, apontando para novos horizontes de investigação e reflexão no campo da história da arte.

2. O conceito de estética decolonial

A estética decolonial fundamenta-se em um arcabouço teórico voltado ao desmantelamento das dinâmicas de poder herdadas da colonialidade, ao mesmo tempo em que propõe alternativas para o campo da arte e da estética. Essa abordagem apresenta-se como uma crítica radical à modernidade/colonialidade, conceito que evidencia a ligação intrínseca entre o projeto moderno e a exploração colonial. Enquanto a modernidade se apresenta como uma narrativa de progresso e universalidade, ela simultaneamente oculta a matriz de poder eurocêntrica que sustentou práticas de dominação e exclusão. No campo estético, essa lógica colonial foi responsável por consolidar cânones e hierarquias que silenciaram vozes e práticas artísticas não ocidentais.

Um dos pilares da estética decolonial é a descolonização do olhar, que busca romper com a perspectiva eurocêntrica na produção, apreciação e interpretação da arte. Dito de outra forma, a noção de arte universal é desafiada pela estética decolonial, principalmente no que diz respeito às categorias e os critérios estéticos que, historicamente, privilegiaram a produção artística ocidental em detrimento da diversidade de expressões culturais existentes no mundo. Essa descolonização do olhar exige um esforço crítico para reconhecer e valorizar práticas estéticas marginalizadas, resgatando-as como legítimas formas de expressão e resistência. Outro aspecto fundamental para a discussão sobre a estética decolonial é a valorização da *aesthesis* (Mignolo, 2010: 13), conceito que remete à experiência sensorial, aos afetos e à sensibilidade. Diferentemente da ênfase na racionalidade e na objetividade que caracteriza a estética ocidental, a *aesthesis* resgata a dimensão sensível da experiência artística como uma forma legítima de conhecimento. Ao liberar a *aesthesis* das amarras do eurocentrismo, a estética decolonial promove uma perspectiva mais inclusiva e plural, capaz de abarcar a riqueza das sensibilidades e expressões artísticas oriundas de diferentes contextos culturais.

Nesse sentido, a estética decolonial reconhece a arte como um instrumento poderoso na descolonização do saber e do ser. Obras produzidas a partir de uma perspectiva decolonial desafiam narrativas dominantes, subvertem estereótipos e dão voz aos sujeitos historicamente subalternizados. Mais do que uma crítica às estruturas coloniais, a estética decolonial incentiva a criação de formas artísticas que transcendam os parâmetros eurocêntricos, abrindo caminho para futuros mais inclusivos.

Fundamentada em conceitos como a colonialidade do poder e do saber (2014), formulados por Aníbal Quijano (1992), essa perspectiva denuncia a persistência das estruturas coloniais mesmo após o fim formal do colonialismo, deixando claro que essas dinâmicas ainda são responsáveis pela construção dos saberes, das subjetividades e das expressões culturais. Walter Mignolo, por sua vez, desenvolve a noção de desobediência epistêmica e estética (1992), sublinhando a necessidade de romper com os paradigmas eurocêntricos que naturalizam a centralidade do Ocidente na produção artística e intelectual, propondo uma abertura às epistemologias plurais do Sul global. Nesse mesmo horizonte, Adolfo Albán

Achinte contribui com o conceito de estéticas de re-existência (2011), que se refere a práticas artísticas que desafiam a colonialidade e ressignificam as experiências dos povos subalternizados, enfatizando a valorização das expressões artísticas historicamente marginalizadas pelo pensamento eurocêntrico. Assim, a estética decolonial emerge como uma proposta teórica e prática que não apenas denuncia as dinâmicas de exploração e subalternização, mas reivindica novos caminhos para a produção e recepção da arte, ancorados na diversidade de sensibilidades e epistemologias.

Aníbal Quijano (1997) é amplamente reconhecido como um dos pioneiros do pensamento decolonial, tendo introduzido, na década de 1990, o conceito de "colonialidade do poder". Para Quijano, a colonialidade transcende o colonialismo formal e perpetua-se nas estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais das sociedades contemporâneas, mesmo após a independência formal das nações colonizadas. Tal lógica molda as relações de poder, a subjetividade, o conhecimento e, conseqüentemente, as expressões artísticas e estéticas.

Embora Quijano não trate diretamente do campo da arte e da estética, podemos inferir por meio de seus argumentos que a colonialidade do poder instituiu o eurocentrismo como paradigma universal (2020), naturalizando a superioridade europeia e relegando as expressões culturais e artísticas dos povos colonizados a um lugar de inferioridade ou mesmo de inexistência. Esse processo reduziu a multiplicidade do imaginário estético global, limitando as possibilidades de criação e perpetuando hierarquias culturais que validam apenas certas formas de expressão, que se mantém alinhadas aos critérios ocidentais. Mesmo de maneira indireta, Quijano contribui com a disciplina estética (2014) ao evidenciar como as categorias de raça e cultura foram instrumentalizadas para justificar a dominação colonial, moldando profundamente as formas de olhar, criar e representar o mundo. A arte, nesse contexto, tornou-se um dos campos onde as dinâmicas de poder se materializam, o que, a contrassenso, implica em um espaço potencial de resistência e transformação.

Um exemplo relevante de subversão da colonialidade no campo estético, segundo Quijano, encontra-se na obra de José María Arguedas (2020: 373). Por meio de sua escrita, Arguedas integra heranças culturais indígenas e europeias, desafiando as hierarquias impostas pela lógica colonial e criando uma estética híbrida que resiste à dominação. Essa proposta, que valoriza a pluralidade cultural e desestabiliza a supremacia estética europeia, é emblemática daquilo que Quijano entende como descolonização do imaginário.

De maneira resumida, as formulações de Quijano contribuem para a estética decolonial a partir de três ações principais: descolonizar o olhar, rompendo com a perspectiva eurocêntrica que define o que é legitimamente artístico; reconhecer a diversidade estética, valorizando as expressões culturais dos povos subalternizados em sua complexidade e legitimidade; e construir uma estética da resistência, utilizando a arte como instrumento de denúncia das estruturas coloniais e como ferramenta para imaginar futuros decoloniais.

Já Walter D. Mignolo, um dos principais expoentes do pensamento decolonial, notabiliza-se por sua contribuição ao campo da estética com o desenvolvimento do conceito de "aesthetics decolonial" (2013). Esse termo, refere-se à experiência sensorial e afetiva que foi historicamente relegada a um segundo plano pelo projeto eurocêntrico. Para Mignolo, a estética ocidental, ao privilegiar a razão e a objetividade, não apenas marginalizou a *aesthetics*, mas também impôs uma visão normativa e universal da arte, silenciando outras formas de sentir, perceber e se relacionar com o mundo sensível.

A noção de "aesthesis decolonial" surge como uma crítica contundente à colonialidade do poder e ao seu impacto na maneira como a estética é concebida. Mignolo argumenta que essa colonialidade estabeleceu uma hierarquia entre "conhecer e racionalidade" e "sentir e emoções", perpetuando a marginalização de povos e culturas não ocidentais. Nesse contexto, a *aesthesis* decolonial propõe romper com essa dicotomia, reconhecendo a importância das emoções e da sensibilidade na produção de conhecimento e na construção de subjetividades.

Deve-se ter claro que o movimento proposto por Mignolo não visa instaurar um novo cânone estético, mas sim subverter a lógica universalista, promovendo a diversidade de formas de expressão. Para o autor, a *aesthesis* decolonial manifesta-se em diferentes práticas artísticas, desde expressões da cultura popular até instalações, performances, literatura e cinema.

O museu, enquanto instituição historicamente implicada na colonialidade do conhecimento e do ser, é também um foco de atenção para Mignolo (1992). Ele argumenta que a acumulação de significados nos museus reflete a lógica colonial, necessitando de uma descolonização que vá além da mudança de conteúdo, abrangendo também a transformação na lógica que estrutura esses espaços. A instalação *Mining the Museum* (1992: 310) de Fred Wilson, é apresentada como um exemplo paradigmático dessa descolonização estética e epistêmica, ao desconstruir narrativas coloniais e promover a visibilidade de outras perspectivas.

A *aesthesis* decolonial é concebida como uma ferramenta para a construção de um mundo pluriversal, rompendo com as estruturas de poder coloniais que ainda operam em diversas esferas sociais e culturais. Mignolo descreve esse projeto como um "conector transversal entre os continentes", capaz de estabelecer diálogos e trocas entre saberes e culturas marginalizados. Trata-se, antes de mais nada, de um convite para decolonizar os sentidos, repensar as formas de estar no mundo e valorizar a diversidade de experiências estéticas, possibilitando a construção de relações para além da matriz colonial de poder.

Adolfo Albán Achinte, por sua vez, contribuiu de maneira ímpar na reflexão decolonial sobre a arte e a estética, sendo reconhecido por ter introduzido discussões específicas que confrontam a colonialidade por meio da produção artística. Sua principal contribuição teórica é o conceito de "estéticas de re-existência" (2011: 281), desenvolvido no capítulo "Estéticas da Re-existência: o Político da Arte?" da coletânea *Estéticas Decoloniais*. Este conceito refere-se a dispositivos estéticos criados por comunidades historicamente marginalizadas para reinventar a vida, resistindo e subvertendo os padrões de poder impostos pela modernidade colonial.

As estéticas de re-existência, segundo Achinte, estão além da concepção ocidental de arte, tradicionalmente restrita a categorias eurocêntricas que excluem ou inferiorizam outras formas de expressão sensível. Essas estéticas desafiam a hegemonia ocidental fortalecendo as identidades e histórias próprias, servindo como ferramentas para reconfigurar as narrativas sobre cultura, memória e pertencimento.

Com isso em vista, podemos entender que as estéticas de re-existência apresentam três características fundamentais: primeiro, o descentramento, que desafia a homogeneização cultural, simbólica e sociopolítica promovida pela colonialidade, abrindo espaço para a visualização de cenários de vida diversos e disruptivos; em segundo lugar, a autonomia, que busca escapar da cooptação institucional ao construir espaços liminares onde o poder

hegemônico se fragiliza; e, por fim, a reinvenção da vida, em que comunidades marginalizadas não apenas confrontam os padrões impostos, mas também ressignificam suas existências, desestruturando formas de dominação material e simbólica.

Achinte expande a noção de estética para além da arte formal ocidental ao conectar as estéticas de re-existência ao conceito de *aesthesis*, ou a descolonização do sensível. O autor propõe um alargamento do entendimento sobre o que é arte e estética, incluindo práticas culturais e modos de sentir que historicamente foram desqualificados pelo eurocentrismo. Exemplos de tais práticas incluem os tecidos e bastões indígenas, a música tradicional afrodescendente, como a marimba de chonta e o bambuco velho, além de danças e performances como a "juga" e o "alabao". Essas manifestações não apenas expressam resistência, mas também resgatam a dignidade das culturas que foram sistematicamente negadas.

3. Colonialidade do ver e a transformação do olhar

A colonialidade do ver nas artes visuais é uma das formas mais persistentes de perpetuar estruturas de poder e hierarquias coloniais, moldando a maneira como as imagens são produzidas, percebidas e interpretadas. Esse fenômeno está enraizado em práticas e discursos que privilegiam uma perspectiva eurocêntrica, deslegitimando outras formas de enxergar e compreender o mundo.

Uma das manifestações mais evidentes da colonialidade do ver é a representação estereotipada e a exotificação de grupos marginalizados. Historicamente, comunidades indígenas, afrodescendentes e outras culturas não europeias foram retratadas a partir de um olhar colonizador que reduz sua complexidade a estereótipos ou imagens idealizadas. Essas representações não apenas negam a diversidade interna desses grupos, mas também reforçam sua inferiorização em relação a um padrão estético e cultural europeu, consolidando um imaginário que associa a alteridade à subordinação. Além disso, a imposição de padrões estéticos eurocêntricos como universais é outro pilar da colonialidade do ver. Esses padrões estabelecem uma hierarquia que valoriza a "alta arte" europeia, enquanto deslegitima expressões artísticas locais ou tradicionais, classificando-as como "primitivas" ou meramente "artesanato". Isso se traduz em uma invisibilidade sistemática de formas de expressão artística que não se alinham aos cânones ocidentais, apagando saberes estéticos e epistemológicos alternativos.

O apagamento da história e da memória dos povos colonizados também é um efeito significativo da colonialidade do ver. A história da arte, tal como tradicionalmente concebida, privilegia a produção europeia e marginaliza ou ignora as narrativas visuais dos povos colonizados. Esse apagamento não é apenas um silenciamento, mas um ato de violência simbólica que apaga memórias, identidades e contribuições culturais. A arte decolonial, ao contrário, busca resgatar e ressignificar essas histórias, promovendo uma narrativa mais plural e inclusiva.

A colonialidade do ver também se manifesta no controle do olhar e da narrativa visual. Esse controle define não apenas o que é permitido ser visto, mas também como deve ser visto e quem possui o direito de representar. Sob essa lógica, as imagens servem para consolidar as estruturas de poder colonial, mantendo o domínio sobre as representações. A arte decolonial desafia esse monopólio, criando narrativas visuais que não apenas contestam os estereótipos, mas também ampliam o escopo de vozes e perspectivas visibilizadas.

Por fim, a objetificação e a exploração da imagem do “outro” completam esse quadro. A colonialidade do ver frequentemente reduz sujeitos a objetos de consumo, seja para fins comerciais, turísticos ou ideológicos. Essa objetificação desumaniza, ao passo que reforça relações de poder baseadas na dominação cultural. A arte decolonial, em contrapartida, busca reverter esse processo, devolvendo aos sujeitos representados sua dignidade, agência e complexidade. Assim, a colonialidade do ver não é apenas um instrumento de perpetuação do colonialismo cultural, mas um campo de disputa e transformação na estética contemporânea. Por meio da arte decolonial, emerge uma proposta de descolonização do olhar que valoriza a diversidade de estéticas e saberes, construindo novos imaginários que desafiam as estruturas coloniais e promovem uma visão mais justa e igualitária do mundo.

Os artistas que buscam subverter a colonialidade do olhar utilizam uma série de estratégias para descolonizar a estética e libertar a percepção das normas impostas pela modernidade/colonialidade ocidental. Essas estratégias não apenas questionam os fundamentos da estética tradicional, mas também reconfiguram a relação entre a arte, seus criadores e o público, propondo novos horizontes para a representação e a interpretação.

Uma das estratégias mais eficazes é a desconstrução das oposições binárias, como belo/feio ou elevado/baixo, típicas da lógica ocidental. Ao rejeitar esses pares dicotômicos, a estética decolonial revela a coexistência e a interpenetração de elementos aparentemente contraditórios. Essa abordagem reflete a complexidade da realidade, especialmente nas culturas não-ocidentais, que frequentemente incorporam múltiplos significados em uma única obra. Além disso, muitos artistas adotam a dualidade não excludente, rompendo com a lógica simplista do “ou/ou” e valorizando o “e/e”. Essa prática reconhece a multiplicidade de significados e experiências que coexistem, permitindo uma visão mais holística da realidade e das culturas que desafia as imposições eurocêntricas.

Outro aspecto central é a recuperação da subjetividade dos povos e culturas marginalizados. Em vez de perpetuar a exotificação ou reduzir esses grupos a objetos ornamentais e exóticos, a arte decolonial devolve a eles a capacidade de auto-representação, permitindo que suas vozes e histórias sejam narradas a partir de suas próprias perspectivas. Essa prática devolve a dignidade e a agência aos sujeitos retratados, rompendo com as representações coloniais que desumanizam e silenciam.

A ironia e a subversão também desempenham um papel importante. Por meio de um humor crítico e da desconstrução das normas estéticas ocidentais, artistas decoloniais desafiam os paradigmas hegemônicos, questionando quem detém o poder de definir o que é belo, valioso ou significativo. Essa estratégia desestabiliza as estruturas de poder e convida o público a uma reflexão crítica sobre as bases da cultura visual dominante.

A reconexão com tradições locais é outra tática central. Muitos artistas decoloniais revitalizam práticas e memórias coletivas, integrando-as à estética contemporânea de forma a criar obras enraizadas em suas comunidades e culturas. Essa reconexão promove uma auto-representação autêntica, ao mesmo tempo em que recupera saberes ancestrais. A descolonização dos sentidos, por sua vez, busca libertar a percepção sensorial das normas ocidentais que privilegiam a racionalidade e a objetividade. Artistas decoloniais valorizam outras formas de sentir e experimentar o mundo, como a intuição, a espiritualidade e a conexão com a natureza, propondo novas maneiras de engajar o público na experiência estética.

A criação de comunidades de sentido decoloniais é fundamental para garantir que essas obras sejam compreendidas e interpretadas em seus próprios termos. Isso envolve diálogos interculturais entre artistas, críticos e público, desafiando as hierarquias ocidentais que tradicionalmente ditam os critérios de avaliação artística.

Por fim, muitos artistas resistem à mercantilização da arte, que frequentemente dilui seu potencial transformador para se adaptar às demandas do mercado global. Essa resistência permite que eles permaneçam fiéis à sua visão e propósito, utilizando a arte como ferramenta de crítica e transformação social. Essas estratégias demonstram que a arte decolonial é mais do que uma estética: é uma postura crítica que busca desestabilizar as bases coloniais da percepção e da representação. Ao subverter a colonialidade do olhar, os artistas abrem caminho para uma arte mais inclusiva e plural, que celebra a diversidade cultural e desafia as estruturas de poder que há tanto tempo moldam o campo artístico.

4. Estética decolonial na arte contemporânea brasileira e portuguesa

A estética decolonial estabelece uma relação profundamente crítica em relação à história da arte global, questionando as narrativas hegemônicas que tradicionalmente privilegiam a produção artística ocidental. Fundamentada no dismantelamento das estruturas de poder que sustentam a colonialidade, a estética decolonial propõe uma reconfiguração do campo artístico global, abrindo espaço para vozes, perspectivas e epistemologias subalternizadas pelo eurocentrismo. Nesse processo, torna-se indispensável revisitar os critérios e categorias estéticas que, ao longo da história, foram naturalizados como universais, mas que refletem uma hierarquia intrinsecamente colonial. Ao propor uma alternativa às narrativas hegemônicas, a estética decolonial também ressignifica a história da arte global, desconstruindo a lógica colonial que moldou a produção e a recepção da arte ao longo dos séculos. A história da arte global, sob uma perspectiva decolonial, não é apenas revisitada, mas reimaginada, integrando práticas e expressões que desafiam a colonialidade e reafirmam identidades e subjetividades antes silenciadas.

A estética decolonial na arte contemporânea brasileira está profundamente vinculada à complexidade histórica e cultural do país, refletindo suas raízes na diáspora africana, na presença indígena e na memória da escravidão. Artistas contemporâneos têm se destacado ao desconstruir narrativas coloniais e explorar temas como resistência, ancestralidade e identidade.

No caso brasileiro, Rosana Paulino é um exemplo significativo. Suas obras resgatam a memória da escravidão e suas marcas no presente, utilizando materiais como tecido, fotografia e instalação para evocar as experiências das mulheres negras e suas histórias apagadas. Paulino cria um diálogo visual que desafia as representações coloniais e reivindica espaços de protagonismo. Paralelamente, artistas como Denilson Baniwa questionam a colonialidade ao valorizar a cultura indígena em suas criações. Baniwa frequentemente mescla elementos tradicionais com referências contemporâneas, desconstruindo estereótipos e afirmando as epistemologias indígenas como parte essencial do imaginário cultural brasileiro.

Essa produção artística frequentemente incorpora uma sensibilidade crítica à colonialidade do saber e do poder. Ao abordar questões de territorialidade, espiritualidade e cosmologias indígenas, os artistas brasileiros expandem os horizontes da estética decolonial, propondo novas formas de *aisthesis* que rompem com a racionalidade eurocêntrica e priorizam a sensorialidade, os afetos e as subjetividades historicamente marginalizadas. Esse processo não apenas ressignifica narrativas históricas, mas também articula perspectivas futuras enraizadas na pluralidade cultural.

Em Portugal, o contexto histórico e social molda de maneira distinta as manifestações da estética decolonial, uma vez que o país enfrenta um legado colonial cuja presença é sentida tanto em espaços públicos quanto em narrativas culturais. A arte contemporânea portuguesa tem revisitado o passado colonial para questionar seus impactos na contemporaneidade e refletir sobre os processos de identidade e memória. Artistas como Grada Kilomba desafiam diretamente as estruturas narrativas e epistemológicas herdadas do colonialismo. Em performances e instalações, Kilomba explora temas como racismo, gênero e memória, frequentemente utilizando a palavra e o corpo como ferramentas de ressignificação histórica. Sua abordagem promove uma ruptura com a estética ocidental dominante ao priorizar as vozes e as experiências subalternizadas.

Além disso, a arte contemporânea portuguesa tem problematizado os monumentos e as representações públicas que glorificam o colonialismo. Projetos como os de Vasco Araújo trabalham com questões de alteridade e identidade, revisitando ícones da história colonial para expor as contradições e violências inerentes a essas narrativas. A descolonização do olhar, um eixo central da estética decolonial, é perceptível na maneira como esses artistas ressignificam a memória coletiva, desafiando os espectadores a confrontarem as complexidades do passado e suas implicações no presente.

Tanto no Brasil quanto em Portugal, a estética decolonial atua como um campo de resistência e imaginação crítica. Na produção artística brasileira, observa-se uma ênfase na valorização das culturas indígenas e afro-brasileiras como estratégias de enfrentamento da colonialidade. Já em Portugal, a revisitação do passado colonial e a desconstrução de suas representações públicas são centrais para o debate contemporâneo. Em ambos os contextos, a arte decolonial rompe com os cânones ocidentais, ao mesmo tempo que promove um engajamento político que busca justiça histórica e cultural.

Assim, a estética decolonial na arte contemporânea brasileira e portuguesa se articula como um movimento dinâmico e multifacetado. Ela revela as feridas do passado colonial, denuncia as continuidades opressivas no presente e oferece novos imaginários para um futuro mais justo e igualitário. Ao valorizar narrativas e estéticas marginalizadas, essa produção artística ressignifica a história e a cultura, transformando-se em um poderoso instrumento de transformação social.

Embora Brasil e Portugal compartilhem um passado colonial entrelaçado, suas produções artísticas decoloniais contemporâneas refletem contextos históricos, sociais e culturais distintos, resultando em abordagens e desafios específicos. A diferença fundamental entre os dois países está nas narrativas, temáticas e nas formas de engajamento com a colonialidade e suas heranças.

No Brasil, a arte decolonial é profundamente enraizada em uma história marcada pela escravidão, pelo genocídio indígena e pela exploração de recursos naturais. A produção artística brasileira destaca-se pela sua ligação direta com movimentos sociais que combatem o racismo, a desigualdade e a violência estrutural. Temas como a memória da escravidão, o impacto do racismo sistêmico, a luta pela preservação das culturas indígenas e a denúncia da exploração ambiental são centrais. Essa conexão entre arte e militância social torna a estética decolonial brasileira particularmente vigorosa e alinhada às demandas de reparação histórica e justiça social.

Portugal, por sua vez, encara a estética decolonial a partir de uma posição histórica diferente. Como ex-metrópole colonial, o país possui uma relação complexa com seu passado colonial, frequentemente envolta em narrativas que exaltam os “Descobrimientos” enquanto minimizam os impactos da colonização. A produção artística decolonial em Portugal busca dismantlar essas narrativas eurocêntricas, desafiando a idealização do passado colonial e expondo suas consequências contemporâneas. Artistas como Grada Kilomba abordam temas como racismo, memória e gênero, enquanto revisitam a colonialidade inscrita na cultura e nas instituições portuguesas. Esse esforço, no entanto, enfrenta resistência em um contexto que, muitas vezes, evita confrontar plenamente as implicações de seu legado histórico.

Os diálogos transnacionais entre Brasil, Portugal e países africanos, particularmente os de língua portuguesa, enriquecem essa produção artística decolonial, ao promover trocas de experiências e perspectivas. Esses diálogos possibilitam uma crítica mais abrangente à colonialidade e favorecem a construção de narrativas que transcendem fronteiras. Contudo, os contextos locais moldam significativamente a forma como essas produções são interpretadas e recebidas. No Brasil, a recepção da arte decolonial é frequentemente catalisada por um público engajado em debates sociais e políticos. Em Portugal, o impacto da arte decolonial enfrenta o desafio adicional de desestabilizar um senso nacional ainda atrelado ao legado colonial.

Portanto, enquanto a produção artística brasileira se destaca pela intensidade de sua conexão com movimentos sociais e a luta por direitos das populações marginalizadas, a arte portuguesa navega por um terreno mais sutil e complexo, desafiando as bases narrativas que sustentam a identidade nacional. Ambas, contudo, convergem na busca por desconstruir a colonialidade e imaginar futuros mais justos e inclusivos, representando diferentes facetas de um mesmo esforço global pela descolonização cultural.

5. Relação artista, público e obra de arte no contexto decolonial

Na estética decolonial da arte contemporânea, a relação entre artista, obra e público é transformada de maneira a romper com as estruturas coloniais que tradicionalmente moldaram a produção, a circulação e a recepção da arte. Essa transformação reflete o objetivo central da estética decolonial: questionar hierarquias e promover o diálogo, a inclusão e a desconstrução de preconceitos.

Uma das mudanças mais significativas é a descentralização da autoria. Na estética decolonial, a figura do artista como gênio individual dá lugar à valorização da coletividade e dos saberes ancestrais. Esse aspecto é particularmente evidente em práticas artísticas que emergem de comunidades indígenas ou afrodescendentes, onde a criação muitas vezes é

resultado de um processo colaborativo. Nesse contexto, a obra de arte não é apenas um produto isolado, mas uma manifestação de saberes partilhados, que refletem tanto a memória quanto a resistência cultural de um grupo.

A relação entre público e obra também é ressignificada. O público deixa de ser um espectador passivo para se tornar um participante ativo, convidado a interagir, questionar e construir significados a partir de suas próprias experiências e percepções. A arte decolonial busca provocar incômodo e reflexão crítica, desafiando o público a desconstruir estereótipos e a reconhecer a diversidade de perspectivas. Em vez de consumir a obra de forma distanciada, o público é chamado a engajar-se em um processo de aprendizado e transformação, muitas vezes mediado pela experiência sensorial e afetiva que a estética decolonial valoriza.

Essa dimensão sensorial e afetiva é outro aspecto central da relação entre artista, obra e público. Em contraste com a ênfase na racionalidade e na objetividade que caracteriza a estética ocidental, a arte decolonial prioriza a intuição, a espiritualidade e a conexão emocional. Essas obras frequentemente utilizam materiais, cores, sons e formas que remetem a práticas ancestrais ou a experiências de pertencimento e luta, criando uma relação mais profunda e envolvente com o público.

Além disso, a estética decolonial promove uma abordagem ética e política na interação entre artista e público. O artista assume o papel de mediador, conectando diferentes realidades e buscando fomentar empatia e solidariedade. Esse diálogo não é imposto, mas construído de forma horizontal, reconhecendo as diferenças e valorizando a alteridade. Essa postura ético-política é essencial para superar as barreiras históricas criadas pela colonialidade, que frequentemente desumanizou grupos marginalizados.

Por fim, a estética decolonial propõe a democratização do acesso à arte, tanto em termos de produção quanto de fruição. A obra de arte não está confinada a galerias e museus, mas ocupa espaços públicos como ruas, praças e comunidades, ampliando seu alcance e engajando um público mais diverso. Essa democratização desafia a elitização da arte e reafirma o compromisso da estética decolonial com a justiça social e cultural.

Nesse sentido, a estética decolonial redefine as relações entre artista, obra e público como uma prática que privilegia a inclusão, a interação e a ética. Essa transformação não apenas questiona os paradigmas coloniais da arte, ao contribuir ativamente para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e plural.

Os artistas que adotam práticas decoloniais enfrentam desafios significativos, que refletem tanto as dinâmicas históricas da colonialidade quanto as condições atuais das instituições artísticas e do mercado global. Romper com as estruturas de poder e as narrativas hegemônicas exige não apenas criatividade, mas também resistência e capacidade de navegar por um ambiente muitas vezes hostil.

Um dos maiores obstáculos é romper com a hegemonia da estética eurocêntrica, que tradicionalmente moldou os critérios de valor no campo artístico. Essa hegemonia estabelece padrões universais que excluem e marginalizam outras formas de expressão cultural e artística, limitando o espaço para a arte decolonial. Além disso, críticos e

curadores frequentemente carecem de ferramentas e linguagens para apreciar a singularidade das práticas decoloniais, perpetuando essa marginalização. Os artistas decoloniais também precisam lidar com o racismo estrutural e a invisibilização, especialmente os que pertencem a grupos racializados. A exclusão histórica de artistas negros, indígenas e afrodescendentes dos espaços institucionais de arte é um reflexo das estruturas sociais que perpetuam desigualdades. A luta por representatividade é constante, e muitos artistas enfrentam resistência ao buscar ocupar espaços que tradicionalmente lhes foram negados.

Outro desafio fundamental é a negociação entre tradições e a criação de novas linguagens artísticas. A arte decolonial frequentemente busca articular saberes ancestrais e contemporâneos, equilibrando influências locais e globais. Esse processo exige uma reflexão crítica sobre a hibridização cultural, enquanto os artistas desenvolvem linguagens que expressem a complexidade das identidades e experiências decoloniais. O conceito de "re-existência" destaca essa capacidade de ressignificar elementos da cultura dominante a partir de perspectivas próprias.

A resistência à mercantilização da arte também é um ponto crucial. A lógica do mercado global frequentemente transforma a arte em produto, despolitizando práticas que têm um forte potencial crítico e transformador. Para evitar que sua mensagem seja diluída, os artistas decoloniais buscam construir circuitos alternativos de produção e circulação, garantindo maior autonomia e acessibilidade para suas obras. Por fim, o compromisso com a promoção de diálogos interculturais e a transformação social coloca os artistas diante do desafio de se conectar com públicos diversos. A arte decolonial procura romper barreiras culturais e linguísticas, promovendo empatia, consciência e ação coletiva. Entretanto, atingir um público amplo e provocar mudanças reais em uma sociedade moldada por hierarquias coloniais exige esforços contínuos e resiliência.

Esses desafios, embora variados e interligados, mostram que a arte decolonial não é apenas uma prática estética, mas também um movimento ético e político. Ao enfrentar essas barreiras, os artistas desempenham um papel crucial na desconstrução da colonialidade e na construção de novas narrativas que reflitam a diversidade e a complexidade das experiências humanas.

A estética decolonial tem um papel fundamental na reconfiguração dos circuitos de arte contemporânea ao desafiar as estruturas de poder, os sistemas de conhecimento e as relações sociais estabelecidas pela colonialidade. Um dos principais aspectos dessa contribuição é a descentralização do olhar eurocêntrico, que historicamente dominou os espaços artísticos. Ao questionar a centralidade das perspectivas europeias, a estética decolonial abre espaço para a valorização da diversidade de olhares e experiências estéticas provenientes de diferentes culturas e contextos geopolíticos. A história da arte, que tradicionalmente focou na produção artística europeia, marginalizando outras formas de expressão, começa a ser reconfigurada. A arte decolonial, por meio de exposições e curadorias, insere no debate global as vozes de povos indígenas, afrodescendentes e outras comunidades historicamente excluídas, desafiando a narrativa hegemônica e ampliando os cânones artísticos.

Além disso, a estética decolonial rompe com os padrões estéticos impostos pelo ocidente e promove a valorização de outras formas de percepção e experiência estética, um conceito que se refere à "*aisthesis* decolonial". Ao valorizar a subjetividade, a experiência sensorial,

os afetos e as cosmovisões que foram historicamente silenciadas, a arte decolonial abre novos caminhos para a arte contemporânea, incentivando uma compreensão mais plural e complexa da estética. Isso também implica em uma mudança nas temáticas e nas narrativas representadas nas obras de arte, trazendo à tona questões que tradicionalmente foram marginalizadas, como o racismo, a desigualdade social, a violência colonial, a memória ancestral, a identidade cultural e a resistência. A arte decolonial não só questiona a representação dessas questões, mas também as utiliza como ferramentas de denúncia e conscientização social, ampliando o alcance da arte como agente de transformação.

Outro ponto crucial da estética decolonial é a criação de novos espaços e circuitos alternativos de produção e circulação da arte. Esses espaços escapam da lógica mercantil e das instituições tradicionais, frequentemente dominadas por estruturas coloniais. Museus, galerias e bienais de arte decolonial, além de plataformas digitais, surgem como alternativas para a circulação de obras que muitas vezes não encontram espaço nos circuitos artísticos convencionais. Esses circuitos alternativos proporcionam maior autonomia para os artistas e democratizam o acesso à arte, permitindo que novas vozes sejam ouvidas e reconhecidas.

Finalmente, a estética decolonial também promove diálogos interculturais e interepistêmicos, rompendo com as fronteiras e as hierarquias impostas pela colonialidade. Ao questionar a universalidade do conhecimento ocidental, busca-se valorizar os saberes e as cosmovisões de outras culturas, criando uma troca horizontal entre diferentes sistemas de conhecimento. A arte decolonial, nesse contexto, atua como um catalisador para a construção de um mundo mais justo e igualitário, ao criar pontes entre culturas e promover a empatia e a compreensão mútua. Assim, ao descentralizar o olhar, questionar os padrões estéticos dominantes, inserir novas temáticas e narrativas e criar espaços e diálogos, a estética decolonial reconfigura profundamente os circuitos da arte contemporânea, ampliando os horizontes da arte e contribuindo para a transformação social.

6. Considerações finais

A investigação empreendida neste artigo buscou iluminar a relevância da estética decolonial como ferramenta analítica e prática no campo da arte contemporânea, com especial atenção às produções artísticas do Brasil e de Portugal. No decorrer da análise, ficou evidente que a estética decolonial não se limita a um exercício de revisão crítica das narrativas históricas, mas constitui um movimento de resistência e reinvenção, promovendo um deslocamento das epistemologias eurocêntricas e inaugurando possibilidades pluriversais de expressão artística.

Os casos analisados demonstraram como, em contextos distintos, os artistas têm se apropriado da estética decolonial para questionar, desestabilizar e subverter as hierarquias estabelecidas pela colonialidade. No Brasil, a ancestralidade afro-indígena e a memória da escravidão emergem como elementos centrais em produções que ressignificam a história e afirmam identidades subalternizadas. Em Portugal, a revisitação do passado colonial desafia narrativas glorificadoras e incentiva reflexões críticas sobre as implicações contemporâneas desse legado. Em ambos os contextos, a arte decolonial desvela o potencial da criatividade estética como meio de enfrentamento e superação das estruturas de poder que sustentam a colonialidade.

Além disso, a centralidade da descolonização do olhar evidenciou-se como um eixo crucial na transformação das relações entre artista, público e obra. Ao abandonar as dicotomias

impostas pela modernidade/colonialidade, a estética decolonial promove uma interação dialógica e inclusiva, valorizando as dimensões sensorial e afetiva da experiência artística. Essa abordagem desafia não apenas os cânones estéticos, mas também os circuitos de produção e recepção da arte, propondo uma ruptura com a mercantilização e a elitização do campo artístico.

Por fim, este estudo reafirma a estética decolonial como um campo em expansão, capaz de engendrar novos horizontes investigativos e práticos. Longe de esgotar a complexidade das questões abordadas, este trabalho espera contribuir para um entendimento mais profundo das dinâmicas de poder que permeiam o campo artístico e das possibilidades transformadoras que emergem da resistência estética. A partir desse enfoque, a arte se revela não apenas como um reflexo de realidades sociais, mas como um agente ativo na construção de um mundo mais justo, inclusivo e plural. Essa perspectiva ressalta a importância de continuar investindo na análise e no debate sobre a estética decolonial, incentivando diálogos transnacionais e interseccionais que possibilitem um entendimento mais abrangente das múltiplas formas de resistência e criatividade que constituem o campo da arte contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albán Achinte, A. (2011). Estéticas de re-existencias: ¿lo político del arte? In Mignolo, W. D. (Ed.), *Estéticas y opción decolonial* (pp. 123-145). Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas.
- Mignolo, W. D. (2007). Delinking: The rhetoric of modernity, the logic of coloniality and the grammar of de-coloniality. *Cultural Studies*, 21(2-3), 449-514. <https://doi.org/10.1080/09502380601162647>
- Mignolo, W. D. (2010). Aesthesis Decolonial. *Calle 14: Revista de investigación en el campo del arte*, 4(4), 10-25.
- Mignolo, W. D. (1992). Museums in the Colonial Horizon of Modernity: Fred Wilson's Mining the Museum (1992). In Wilson, F., & Doro, G. (Eds.), *Fred Wilson, A Critical Reader*. London: Ridinghouse.
- Mignolo, W. D., & Vazquez, R. (2013). Introduction to Decolonial Aesthesis: Colonial Wounds, Decolonial Healings. *Social Text-Periscope* (Web Publication), 9-9.
- Quijano, A. (1997). Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina. *Anuario Mariateguiano*, 9(9).
- Quijano, A. (1992). Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú Indígena*, 13(29).
- Quijano, A. (2014). Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina Título. En: *Cuestiones y horizontes : de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. CLACSO.
- Quijano, A. (2020). *Cuestiones y Horizontes – De la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Antología Esencial. CLACSO.

Victor Tuon Murari.

É Doutor em estética e história da arte pelo Programa de Pós-Graduação em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo e pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Desempenhou o papel de curador na exposição conjunta *Projetos para uma vida cotidiana moderna no Brasil, 1920-1960*, organizada no Museu de Arte Contemporânea (MAC USP). Seu trabalho combina pesquisa acadêmica, curadoria e consultoria em artes visuais, com enfoque especial no modernismo e na arte contemporânea brasileira. Email: victortmurari@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6580-9669>

Receção: 25-11-2024

Aprovação: 10-11-2025

Citação:

Murari, Victor T. (2025). A transformação do olhar: Estética decolonial na arte contemporânea brasileira e portuguesa. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 8(1), pp. 12-26 ISSN 2184-3805. DOI: <https://doi.org/10.21747/21843805/tav8n1a2>





